

**UM OLHAR HISTÓRICO E MULTIDISCIPLINAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA
ENTREVISTA COM O PROFESSOR: ADEMIR GEBARA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

Gustavo Luis Gutierrez

1 – Fale um pouco de você e sua história de vida.

Sou neto de imigrantes libaneses por parte de pai e italianos por parte de mãe. Nasci em São João da Boa Vista, divisa de Minas Gerais no interior do Estado de São Paulo. Morei em Águas da Prata, cidade vizinha a São João da Boa Vista e Maringá Velho no norte do Paraná, um vilarejo que concentrava um grande número de trabalhadores na construção da cidade de Maringá. Aos 6 anos de idade voltei para São João da Boa Vista, onde estudei do básico ao científico. A minha infância foi alegre. Naquele tempo para cursar o ginásio havia exame de admissão, a partir deste momento minha vida começou a ganhar autonomia. Lia muito romance, jornal, segundo minha mãe aprendi a ler praticamente sozinho. No ginásio iniciei minha socialização, participei de todas as atividades esportivas que uma cidade com 25 mil habitantes pode oferecer: futebol, basquete, natação com supervisão técnica. A equipe esportiva chegou a ser “campeã paulista” e produzir inúmeros recordistas, até mesmo sul-americanos. Em 1950/1960 já fazíamos musculação como parte do treinamento. De qualquer modo gostava mais de futebol e, mais ainda, de basquete, a natação era extremamente monótona e o treinamento pesado em tempo integral. Aos 15 anos participava da seleção da cidade e participei de todos os Jogos Abertos Regionais (Média Mogiana) e do interior, além de campeonatos juvenis da Federação Paulista de Basquete. Com o futebol parei cedo. Cheguei a jogar um campeonato amador. Mudei para Campinas para continuar os estudos. Fiz graduação em História e Educação Física simultaneamente, ambas na PUCCAMP, mestrado na USP em História Social e Phd na LSE (London School Economics and Political Science), quando voltei de Londres me vinculei a Faculdade de Educação Física da UNICAMP.

2 – Como você vê o desenvolvimento do campo da Educação Física nesse período?

Durante minha escola secundária cursada em uma cidade de médio porte para a época, a Educação Física se desenvolvia no Colégio, articulada com clubes locais. Na verdade o único universo de profissionalização para alguém formado em Educação Física era o magistério. Quando me mudei para Campinas, estava terminando o primeiro ano de História, neste mesmo ano abriram aqui uma Faculdade de Educação Física (Sedes Sapientiae), que funcionava em baixo do Campo do Mogiana. Por insistência

e interesse de minha irmã pelo curso, prestei o vestibular. A Faculdade tinha muitas irregularidades; recordo-me que iniciamos uma luta contra a mantenedora. Neste período consegui seis aulas no Colégio de Vinhedo. Creio que concluí o curso, motivado pelas aulas que ministrava, e pela luta contra a mantenedora, que me aliviavam de trabalhar no empório de meu pai. Naquela época eu já era militante do PCB, então na clandestinidade. Participei da criação do DA, fiz política..., embora fosse muito radical e, por isso mesmo, chato, o “dono da verdade”! No Colégio, o trabalho com Educação Física, permitiu que fizesse Mestrado na USP, afinal, as aulas de Educação Física não demandam correção de provas e outras atividades que tomam tempo e demandam paciência do professor. Dava aulas de Educação Física e fazia mestrado em História Social na USP, com isso fui gradualmente me afastando do campo da Educação Física. O afastamento foi maior ainda quando ao terminar o Mestrado fui contratado pelo IFCH junto ao conjunto de História. Não acompanhei o desenvolvimento da Educação Física até 1984, quando voltei da Inglaterra. O reencontro se deu através do Prof. Tojal. Eu vinha para a Unicamp de moto, quando no balão de entrada de Barão Geraldo, fui fechado pelo carro do Tojal, ele me parou, contou sobre a criação do Curso de Educação Física na Unicamp e me convidou, no meio da rua, literalmente, para entrar no jogo. Nesta época eu estava muito magoado com o Depto de História, por terem me liberado para fazer o Doutorado no exterior, com apenas 20 horas. Sendo assim, o convite do Tojal fez com que eu iniciasse imediatamente minha participação na construção da Faculdade. Retomando o tema da pergunta, minha participação foi justamente coordenar a montagem da Pós-Graduação em Educação Física na FEF, após alguns diagnósticos e muita conversa com colegas interessados em concluir sua própria formação. Naquele momento, se não estiver errado, apenas a Profa. Antonia e eu tínhamos o Doutorado na FEF, Wagner e Roseli tinham o Mestrado. Literalmente eram mínimas as possibilidades de Pós-Graduação na área, basta dizer que nenhum de nós, aqui na FEF, era doutor em Educação Física. Iniciamos uma especialização - “Teoria e Métodos de Pesquisa em Educação Física” que permitiria aos alunos, organizar projetos, para um futuro mestrado, o caminho parecia ser exatamente este. Eu, Toninha, René (IF) Euclides (IMEC), dividíamos o curso tentando trazer o back ground de outras áreas para a Educação Física, foi um grande momento, especialmente com a chegada do Galo (Fisiologia) da Medicina de Ribeirão Preto como professor visitante. Tivemos vários seminários sobre metodologia de pesquisa! Creio ter sido este o grande caminho para a Educação Física na FEF, de fato o que ocorreu é que a área é muito focada em suas diferentes perspectivas, vejo que hoje cada um está na sua, “os defeitos não são meus, tampouco de meus cursos e orientandos, são dos outros”. Creio que a Educação Física evoluiu na direção da negação da possibilidade de integração real e efetiva dos conhecimentos componentes da área.

Veja, não adianta tratar isso filosoficamente, pensando que um constructo mental resolve o problema da integração, é preciso integrar com pesquisas conjuntas, seminários e cursos conjuntos.

3 - E a evolução da FEF?

Não creio que a FEF tenha evoluído academicamente. Éramos 50 professores. Tínhamos cursos de Graduação, Pós, vários Grupos de Pesquisa como referência nacional, inúmeros doutores com diversas formações integrados ao programa, intensa conexão com unidades da Unicamp não só a Educação, além de intensa conexão internacional. Sem dizer de dois Congressos, que ainda hoje são referência. Estou falando do Congresso de História e o Processo Civilizador, que foram deixados ao largo, a FEF não os assumiu. O de História tende a desaparecer, o XI Processo Civilizador se realiza este ano na Universidade de Buenos Aires. Creio que a FEF evoluiu em equipamentos, infra-estrutura e melhoria de qualidade do aluno de graduação, mas tenho dúvidas em relação a Pós. O programa parece tão disperso que não se obtém opinião articulada dos alunos. Houve evolução nos procedimentos burocráticos, o que em alguns casos chega ao exagero dos formalismos. Bem, estando no interior da Unicamp há um empuxo natural que soma muito na direção da evolução. É difícil, após tantos anos fora da FEF, desde 1998, fazer uma análise qualificada. Peço desculpas por alguma impropriedade.

4 – E a Revista Conexões?

Foi muito importante. Creio que a Revista deverá tornar-se uma referência, é nisso que a FEF deve apostar. Deve construir eventos e circunstâncias que a coloquem como referência. A Revista nasceu de uma indignação. Quando da realização do Congresso de História no Rio de Janeiro, alguns trabalhos foram recusados sem o menor critério, eram muito bons e qualificados. Naquele momento fundamos a revista para publicar estes trabalhos. Nossa área tem ainda focos de mediocridade onde as questões éticas passam ao largo, uma revista, um congresso devem sempre buscar sua qualificação acadêmica para além das picuinhas pessoais. Fico muito feliz ao ver a Conexões mantendo sua periodicidade e dando continuidade às boas iniciativas do passado.

5 – Como você percebe a área de EF frente a outras áreas da universidade como a educação e a história, por exemplo?

Do ponto de vista da graduação, muito próximas, no que diz respeito à formação de profissionais para o mercado, as proximidades param por aí. A área de Educação é politicamente muito articulada, não atiram no pé, eles tem algo como um código de conduta informal de valorização do que é produzido na área. Neste sentido são muito maduros na convivência com as relações de poder na Universidade. Ocorre que tem um efeito ambíguo na área de Educação Física, formaram um monte de gente para a área, absorvem profissionais da área de Educação Física, porém não dimensionamos ainda as múltiplas faces desta articulação. É uma área muito influenciada pelo saber teológico e psicológico, melhor dizendo processos de aprendizagem e História da Educação, esta com forte presença temática da educação religiosa, tanto quanto de pessoal qualificado formado em teologia, são campos onde a formação de profissionais de Educação Física tem sido mais significativa. Creio ser muito importante iniciar pesquisas que discutam o tipo de produção acadêmica em Educação Física da Pós em Educação comparados com a produção da área de Educação Física. Com relação à História, por se tratar de uma área muito antiga, precedendo a própria criação das Universidades, e isso ocorreu no mundo todo, os elementos de comparação não são tão claros. Creio mesmo que a maior parte do pessoal que trabalha com História da Educação Física, dos Esportes e do Lazer tem formação em História e Filosofia da Educação do que em História strictu sensu. Não se trata de recolocar o surrado problema do historiador de carteirinha, afinal Heródoto não o foi, mas sim de focar a tradição crítica de uma área na sua relação com outra. Na Espanha a Educação Física está sendo transferida, na graduação, para o ensino tecnológico ou técnico, sendo mantida na Pós como área de produção de conhecimento específico. Creio que este é o problema que sempre nos assombrou: somos uma área de formação ou um campo de conhecimento?

Gustavo Luis Gutierrez
Faculdade de Educação Física/Unicamp
E mail glgutierrez@fef.unicamp.br